

Nem régua, nem destino: a função como fundamento da família

Por Carlos Colect - Psicanalista

Não se pode aplicar uma régua única sobre a vida humana. Cada sujeito é único. Cada história, singular. Cada estrutura, simbólica. Da mesma forma, não se pode padronizar o que é funcional ou disfuncional em uma família. O que pode funcionar para uma, pode adoecer outra. O que une uma casa, pode destruir outra. Não se trata de formas fixas, mas de forças invisíveis.

Mas há algo que não se pode relativizar: a função.

Quando falamos de família funcional, não estamos falando de aparência ou estrutura externa, mas de papéis simbólicos que estão — ou não — sendo exercidos. Porque uma família pode ter pai, mãe e filhos, frequentar a igreja ou a escola, manter rituais... e ainda assim ser profundamente disfuncional, porque as funções estão corrompidas, ausentes ou invertidas.

A função materna: que deveria acolher, proteger, nomear o desejo da criança, pode se tornar possessiva, narcísica ou ausente. A função paterna: que deveria limitar, organizar, separar, apontar um além, pode estar apagada, confusa ou violenta. A função fraterna: que introduz a criança na alteridade e na espera, pode estar tomada por rivalidade destrutiva ou por abandono. E a função simbólica da autoridade — aquela que liga o sujeito ao tempo, à lei, à linguagem — pode simplesmente não existir.

Quando essas funções psíquicas e simbólicas não estão em operação, a criança não adoece apenas emocionalmente, ela adoece em sua constituição mais profunda, em sua imagem, em seu desejo, em sua esperança.

É verdade que ninguém pode afirmar com certeza o que uma criança vai se tornar.

Há crianças que cresceram em lares disfuncionais, marcados por abandono, abuso, ausência, e se tornaram homens e mulheres luminosos, virtuosos, santos, fonte de bem para o mundo. E há outras que vieram de lares aparentemente “perfeitos” e se tornaram frágeis, violentos, adoecidos, psicopatas.

O que determina? Não sabemos com exatidão. Há elementos inconscientes, traumas não nomeados, resiliências insondáveis, travessias espirituais que escapam à estatística.

Mas o que sabemos é que não precisamos pagar para ver. O fato de que nem toda criança em ambiente disfuncional se perderá não justifica a negligência com a função familiar.

Quando uma criança cresce num ambiente onde as funções estão em operação — mesmo que com falhas, mas com verdade —, ela tem uma chance infinitamente maior de se tornar um sujeito inteiro, capaz de amar, trabalhar, respeitar, transcender.

Porque no fim, não é a estrutura que salva, é a função que estrutura.